

SEXUALIDADE E RELIGIÃO: INICIANDO UMA PESQUISA

ZAIRA ARY FARIAS*

"A atitude católica diante da sexualidade humana se revela à primeira vista não apenas complexa mas até contraditória... as condições em que o prazer sexual é "permitido" como "legítimo" ainda permanecem restritas a um grau que encontramos em poucas culturas, sistemas éticos e religiões..."¹

"O coito é, por tudo isso, uma das experiências metafísicas privilegiadas do ser humano"... O machismo, como ideologia que oculta a dominação da mulher definida como objeto sexual, não só aliena a mulher, mas além disso torna o varão impotente, visto que o impede de se relacionar com alguém, o outro sexuado (a mulher), e somente acede na masturbação solipsista a um objeto que realize seu autoerotismo."²

RESUMO

Questiona-se a essência da sexualidade feminina, mesmo quando esta parece estar associada à religiosidade ou ideologias. Também não deve ficar fora de enfoque de análise a afirmação de que a *opressão feminina é fruto do capitalismo*. A aparente desvinculação histórica na relação homem-mulher não escapa aos questionamentos em direção à problemática da condição feminina. Sugere-se estudar como a sexualidade vem sendo encarada pelas religiões em todo o decorrer da história.

* Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC.

1. Kosnik, A.; *A sexualidade humana - novos rumos do pensamento católico americano*; Petrópolis; Vozes; 1982.
2. Dussel, E. D.; *Filosofia da libertação na América Latina*; São Paulo; Edições Loyola.

Em minha curta experiência em produzir uma reflexão mais sistematizada sobre alguns temas que me têm "mobilizado" mais profundamente nos últimos tempos (a partir de 78), venho percorrendo o seguinte itinerário de estudos: tendo partido da indignação provocada pela observação da opressão vivida pelas empregadas domésticas em nossa realidade (opressão decorrente da sua situação de classe, de sexo e de cor, em alguns casos) fui levada à indagação mais ampla — domesticidade: cativo feminino³ — que incorporou a questão do valor econômico do trabalho doméstico em geral e a partir desta discussão, à questão do valor simbólico do ser social *mulher*, "profissão" dona de casa, "profissão" desvalorizada mas, encarada como "vocação" esperada de todas as mulheres em nossa sociedade. Daí então entrei num vasto campo de indagações — comuns a quantas(os) estão estudando a *questão da mulher* —, das quais destacaria algumas delas que considero intrigantes e desafiadores para mim.

1 — Observo, por exemplo, a dificuldade que se tem de distinguir quando as questões colocadas se referem a MULHER, tomada como modelo, símbolo, mito, "essência" ("natureza" e "vocação" feminina), ou, quando elas se referem a MULHERES como seres ou categorias históricas, vivendo determinadas contingências de acordo com a classe social, a região, o momento histórico, a estrutura global da sociedade (ex.: donas de casa, trabalhadores, profissionais liberais, etc.) e ainda, partindo desta distinção, mas superando-a, presumo necessário procurar perceber como *símbolo* e *circunstância* se articulam no concreto vivido de algumas mulheres ou, em outras palavras, como uma mulher real se reconhece como ser feminino (específico) ou como ser humano (geral) face aos modelos culturais e às estruturas sociais concretas que perpassam sua vida privada e pública.

2 — Bastante vinculada à anterior, outra questão a englobaria num movimento de "superação": mulher como modelo ou como ser histórico se constitui, se concretiza em referência, em relação social com o outro sexo. Seria então, talvez, mais eficaz para a economia do desvendamento, focalizar a RELAÇÃO HOMEM-MULHER, seja como modelo (masculinidade-feminilidade, "casal ideal") seja como relações sociais estruturadas em bases desiguais nos diferentes espaços sociais historicamente dados — "ordem" familiar, "ordem" econômica, "ordem" política, "ordem" cultural, "ordem" religiosa... — todas elas constituintes de uma ORDEM MASCULINA, conforme GARAUDY⁴.

3 — Considero importantíssimo contextualizar a temática RELAÇÃO HOMEM=MULHER, percebendo as vinculações profundas da "questão" sexual com a problemática mais abrangente da sociedade global (desigualdades sociais e dominação política). Mas aqui também algumas questões me incomodariam bastante. Uma delas é a respeito da afirmação freqüente em certos debates de que *a opressão da mulher é fruto do capitalismo (e da ditadura?!)* e que, portanto, uma vez eliminado esse sistema homens e mulheres teriam automaticamente direitos iguais. Compreendo o afã que nos leva a esperar do *socialismo* (questão das classes) e do *feminismo* (questão dos sexos), encarados como ideologias e/ou utopias igualitaristas, que venham a constituir universalmente uma

NOVA ORDEM, mais humana do que a "ordem" social vigente no capitalismo selvagem (!), profundamente desigualitário e desumano para a maioria dos cidadãos atuais, em muitos países. Mas, é preciso não simplificar ingenuamente a realidade e distorcer ou ocultar a História, por nosso desejo de transformação — o que arriscaria tornar ineficaz nossa ação. A diferenciação sexual e seus desdobramentos — divisão sexual do trabalho, moral sexual (repressão), modelos sexuais (masculinidade-feminilidade) e modelo de família, *não nasceram com o capitalismo* (cf. história do patriarcalismo) e nem estão desaparecendo de forma mágica nas sociedades onde o socialismo está sendo construído. A incrível resistência e o grau profundo de penetração destes modelos culturais presentes no "inconsciente coletivo" dos povos moldados pela chamada "cultura ocidental", desafiam as ciências sociais e os estudos feministas a buscarem aprofundamentos bem mais ousados, nestes tempos de novos feminismos. Tudo parece indicar que os fundamentos mais sólidos deste tipo de desigualdade — a sexual — parecem remontar a períodos históricos já bastante longínquos situados em tempos bem anteriores ao modo capitalista de produção e a terem sido "elaborados" como justificativas para situações estruturais — condições econômicas e políticas, bastante diversas das atuais —. Deparamo-nos, então, com grandes questões desafiadoras: Como que esses modelos sexuais se "destacaram" de suas condições histórico-estruturais e permaneceram (levemente alterados) como adequados a estruturas sociais e momentos históricos tão diversos? Que instância conservadora por excelência conseguiu "guardar" e repassar esses modelos ideológicos através dos tempos com tanta eficácia? Por que a "relação homem-mulher" é tratada como questão natural ou sagrada e dificilmente como relação histórica (sócio-cultural)? Quem condenou a sexualidade humana, como e por quê?

Desconfiamos que um bom caminho para algumas destas respostas seja estudar como a sexualidade tem sido encarada pelas religiões, tarefa pretenciosa e bastante difícil que suponho deva ser socializada ao máximo.

NOTAS:

- 1 KOSNIK, A. (coord.) — *A sexualidade humana — novos rumos do pensamento católico americano*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- 2 DUSSEL, Enrique D. — *Filosofia da libertação na América Latina*. São Paulo, Edições Loyola.
- 3 FARIAS, Zaira Ary — *Domesticidade: "cativo" feminino?* Rio de Janeiro, Achiamé/CMB, 1983.
- 4 GARAUDY, R. — *Libertação da mulher, libertação humana*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.